



## **A FEIRA LIVRE DE CARPINA: A TRAJETÓRIA DE UMA FEIRA ONDE AS LONAS E OS BANCOS DE MADEIRA CONTINUAM SENDO MONTADOS.**

Isabela Cristina do Monte

Nunes Bacharela em Direito e em Administração

(UNICAP)

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de

Pernambuco (PPGH-UNICAP)

E-mail: [isabelacmnunes@outlook.co](mailto:isabelacmnunes@outlook.co)

Em 1882, o povoado então denominado de Chã do Carpina tinha em suas primeiras construções apenas alguns barracões e moradias de pau-a-pique e tijolo cru. No lugar não havia uma casa de mercado, mas já estava organizada uma feira. Em alguns anos, a feira livre montada com bancos de madeira e lonas, repletos dos mais diversos itens, tornar-se-ia a quarta de Pernambuco, fazendo de Carpina, em 1926, palco de um cenário tradicional em vendas dos mais variados itens, que atraía visitantes de diversas localidades para levar suas compras em balaios e cestas de palha. Com o advento do tempo, o espaço de comércio ao ar livre que movimentava as ruas se consolidou, alocando-se no Mercado Público da cidade, construído em 1941 e, permanecendo no local a despeito de tentativas de reorganização, que acabaram por não conseguir dobrar as lonas nem desmontar os bancos de madeira. Local onde se reproduzem múltiplas cenas sociais e onde repercutem as notícias citadinas, a feira livre do município de Carpina segue, ao longo do tempo, mesclando inovações e costumes, num retrato onde se encontram cestas e balaios que se resistem ao teste do tempo, contando a história de um passado que se mantém presente. Palavras-chave: Carpina; Feira Livre; História Local.

1. Carpina e o surgimento das feiras livres.

Em seu surgimento, Chã do Carpina se revelou para o mundo com suas primeiras construções ainda muito tímidas. No então povoado, surgiram gradualmente barracões e casas que, desde 1882, tomavam forma e, aos poucos, anunciavam o prelúdio de uma cidade cuja feira livre formar-se-ia até tornar-se um ponto chave para sua história.

Em meio à cidade edificada com pau-a-pique e tijolo cru, onde inicialmente não se via nenhum comércio estabelecido, já despontava em meio à rusticidade, uma feira que, apesar da pouca estrutura, em poucos anos, tornou os solenes bancos de madeira abrigados sob lonas, notórios e imponentes palcos da quarta maior em todo o território de Pernambuco.

Ocorre que, a cidade que prospera sob o nome de Carpina, foi local de repouso e estadia de tropeiros vindos, à época, de rotas como Limoeiro e Bom jardim, que se valiam do local onde vivia o tanoeiro Martinho Francisco de Andrade Lima, conhecido como Mestre Carpina, para descansar em meio à seus trajetos, valendo-se da hospitalidade e do bom serviço do descendente de portugueses que chegou ao lugar no início XIX e o habitou enquanto produzia os caixotes de madeira que vendia a Portugal para embalar o açúcar (MARINHO; et. al., 2018, p. 21-24).

Tal forma de se iniciar uma cidade destoa do que diz a abordagem de Pesavento (2007, p. 11-13), que explora histórias de antigas cidades onde indivíduos eram frequentemente convocados para registrar a formação da cidade, muitas vezes ancoradas em lendas ou narrativas de um povo fundador liderado por figuras proeminentes, Carpina emergiu de maneira quase espontânea.

De fato, o gradual povoamento do local em meados do século XVII e, de acordo com Marinho (et. al., 2018, p.57-62), foi entre 1882 e 1889 que as primeiras residências e casas comerciais começaram a se estabelecer nas proximidades da então existente estação ferroviária. O autor diz que Chã de Carpina, servia à época como destino de repouso de veranistas que iam à cidade em busca de tratamento médico e respiratório. Nesse período o local já tinha uma feira livre rudimentar.

Em meio às atenções por seu *status* dentre as principais feiras de Pernambuco, que mais tarde a consolidaria como a quarta feira de pernambuco, Carpina recebeu da Great Western, em 1906, um investimento diretamente direcionado à sua feira livre, uma vez que a empresa programou um “Trem Feireiro”, que sairia em horário compatível

com a feira, chegando às 09 horas e saindo às 12 horas, todos os domingos.

O objetivo do trem era levar visitantes para a feira da cidade. As pessoas vindas principalmente do Recife, viajavam, trazendo seus balaios e cestas, e, muitas vezes vinham sem os mesmos, com o intuito de aproveitar a manhã e, no dia de folga, adquirir itens diversificados enquanto passeavam pelo local (COSTA, 1991, p. 23-32).

Com o decorrer dos anos, a cidade seguiu se desenvolvendo e, em 1923, a feira livre, que ocorria semanalmente, era à época, considerada a quarta maior em Pernambuco, e recebia dos locais uma visão de tradição e variedade.

Colocada em alto posto entre as feiras existentes no período, era graças à feira que o município atraía uma grande quantidade de visitantes que costumavam pegar o trem e visitar a cidade para suas compras.

Na supramencionada época, os feirantes dispunham de barracas construídas com madeira e lona, um arranjo que ecoava a prática estabelecida já em 1882. Embora ao longo do tempo tenham ocorrido aprimoramentos na estrutura, a essência persistia na própria solidez da madeira, que continuou a servir como o suporte para a exposição de uma variada gama de produtos, incluindo alimentos, brinquedos, tecidos, painéis, redes, verduras, frutas e cordéis.

Essas barracas eram o centro de atração para todos os clientes que frequentavam a feira, mantendo-se como o portal para um universo de possibilidades comerciais.

Em 1926, a feira da atualmente chamada Carpina, era localizada na atual Praça de São José, porém, poucos anos depois, em 1941, deu-se sua realocação para que passasse a ocorrer nos entornos do Mercado Público da cidade.

Faz-se mister ressaltar que tal mudança vigora até o presente momento, uma vez que, apesar do advento do tempo, a feira não se perpetuou em outras localidades, sendo então, montada semanalmente, toda a sexta, sábado e domingo, no mesmo cenário: ao longo da Rua Dr. Rawlinson, no bairro de São Sebastião. (MARINHO; et. al., 2018, p. 59-67).

## 2. A feira livre em uma perspectiva sociocultural de resistência e poder local

A “feira livre” do Brasil é, em outros idiomas, denominada como “mercado”, uma vez que a “feira” é descrita como sendo uma forma pela qual vendedores e compradores se reúnem em um determinado local e horário objetivando realizar atividade comercial desprovida, em sua maioria, isentos de impostos, e o “mercado” é determinado como sendo um local público onde negociantes comercializam alimentos e produtos de uso frequente (SATO, 2012, p. 91-92).

Conforme observado por Sato (2012, p. 25), a "feira livre" é um ambiente que emana uma profusão de cheiros, cores e sons. A autora diz, com demasiada sabedoria, que a feira tem o poder de envolver os sentidos, não apenas oferecendo oportunidades de compra, mas também incentivando os visitantes a interagir em um espaço público sem barreiras, cartões de ponto, gerentes ou proprietários, uma vez que a feira é aberta e acessível a todos (Geertz, 1997, citado por SATO, 2012, p. 25-26).

A resistência da feira livre de Carpina diante do tempo, somada ao formado como a mesma encontra-se estruturada em termos de regularidade e distribuição física, dá a feira inegável simbologia sociocultural. Isso ressalta a importância de preservar a memória coletiva associada a essas atividades comerciais, especialmente para demonstrar a continuidade dessas práticas em meio às transformações urbanas.

Segundo a visão de Amorim (2007, p. 100), as pesquisas dedicadas à compreensão dos domínios do poder local constituem-se como uma premissa indiscutível para que se dê uma plena análise e um verdadeiro entendimento acerca do sistema político em sua integralidade. Para a autora os resultados advindos dos esforços investigativos acabam por resultar na real compreensão da dinâmica do sistema político como um todo. Tal percepção pode ser claramente percebida, uma vez que:

“no Brasil, a estreita relação entre cultura e estrutura sempre suscitou polêmica. [...] O principal pressuposto era de que as crenças e os valores culturais representavam importantes elementos na configuração da identidade nacional e na sustentação de um sistema político.” (AMORIM, 2007, p. 104)

A supramencionada percepção de Amorim (2007, p.104) implica na analogia de que a cultura política de uma região pode sim ser um fator de cunho determinante para o nível de envolvimento dos cidadãos na vida política de sua localidade.

Além disso, a presença de uma cultura local que incorpora as feiras livres em sua rotina cotidiana não apenas fortalece os laços entre os habitantes da cidade, mas também cria locais onde os círculos de interatividade, conexões interpessoais e a identificação de diversas influências podem verdadeiramente florescer. A feira livre transcende sua função mercantil e se estabelece como um espaço dinâmico onde a comunidade se reúne, compartilha experiências e participa de uma rica troca cultural.

A feira livre, portanto, não é mero ponto de comércio; ela representa um conjunto de ecossistemas em constante evolução que nutrem o senso de pertencimento e comunidade. Ao fornecer um local de encontro para vendedores e compradores, as feiras promovem uma atmosfera de intercâmbio e cooperação que transcende a simples transação comercial.

A feira em si, desempenha um papel fundamental na configuração da identidade social, influenciando como as pessoas se percebem em relação aos outros e ao ambiente em que vivem.

Assim, as feiras são mais do que apenas mercados; são verdadeiros catalisadores de coesão social e força cultural em uma comunidade.

Maurice Halbwachs, (1990, p. 25-33, citado por SCHMIDT, 1993), argumenta que a reconstrução de memórias é possível, desde que tal processo seja ancorado na existência de um grupo de referência.

Para Halbwachs, (1990, p. 28-33, citado por SCHMIDT, 1993), as memórias estão, na realidade, intrinsecamente ligadas às relações sociais e não originam-se a partir de ideias ou de sentimentos isolados, mas sim, são construídas com base em dados e noções que são compartilhadas por um coletivo.

Analisando a fala do supramencionado autor, pode-se constatar que a observação e escuta atenta das vozes coletivas é, de fato, fundamental para a preservação da memória coletiva. Não apenas porque é possível adquirir conhecimento valioso a partir das narrativas individuais, mas, por permitir a possibilidade de compreender como a experiência de cada indivíduo é influenciada dentro do contexto social em que está inserido.

O ato de ouvir atentamente e registrar as narrativas compartilhadas pelos membros de um grupo transcende a mera coleta de histórias do passado; ele se

apresenta como um mergulho profundo na teia intrincada de conexões sociais e individuais que moldam a memória coletiva.

Tais histórias revelam não apenas eventos e acontecimentos do passado, mas também nuances e peculiaridades que surgem da união entre a experiência pessoal e o contexto social.

A preservação da memória coletiva, portanto, emerge como uma responsabilidade de extrema relevância, dotada do poder de iluminar os vínculos intrincados que unem indivíduos à sociedade em que estão imersos.

É por meio dessa preservação que podemos desvendar a complexa tapeçaria das experiências compartilhadas e compreender como as histórias individuais entrelaçam-se e influenciam a construção de uma narrativa coletiva.

A memória coletiva, com suas raízes no passado e ramos que se estendem até o presente, constitui um espelho que reflete a interdependência entre a experiência pessoal e o contexto social, oferecendo insights valiosos sobre como as lembranças são formadas, preservadas e compartilhadas ao longo do tempo.

Num dado momento, Amorim (2007, p. 107-109) pontua que em Pernambuco, situações diversas de poder impactam de distintas formas diversos municípios que, dentro de sua própria estrutura de poder local, se reinventam para lidar com as nuances de cultura política que modelam as relações sociais no decurso do tempo.

No que se alude a Carpina, esta, com a feira livre como palco de um cenário comercial a céu aberto, abarca com sua persistente feira residindo no mesmo local, o centro de uma memória coletiva, o passado e o presente se entrelaçam para o desenvolvimento de um futuro que não esquece raízes e se solidifica semana após semana.

Diante do tempo, essas instituições continuam a servir como vínculo vital com a herança cultural da cidade, moldando o cotidiano dos seus habitantes e oferecendo um testemunho eloquente da resiliência e da autenticidade que definem a história de Carpina.

Cestos e balaios se tornam guardiões da tradição, perpetuando uma narrativa que transcende o domínio do efêmero, oferecendo um testemunho eterno da força e da

vitalidade desta comunidade única.

Consolidando-se ao longo dos anos como fonte histórica viva, testemunha de todo um processo de resistência e adaptação ao tempo, a feira livre que vigora no município de Carpina, antiga Floresta dos Leões – que ainda em 1882, tão simplória que era mal tinha uma feira – exerce um papel que vai além da finalidade econômica, pois é nesse espaço à céu aberto que se iniciam, continuam e fortalecem laços sociais responsáveis por conectar toda uma comunidade.

A longevidade da feira livre ao longo do tempo atesta a sua significativa contribuição para a preservação da memória coletiva e a sua centralidade na compreensão do poder local e da construção das identidades sociais. Esses espaços se revelam como elementos vitais no tecido urbano, perpetuando tradições e servindo como testemunhas da história da comunidade.

A resistência da feira livre, ao manter suas portas abertas geração após geração, é algo que transcende a esfera comercial e assume um papel preponderante como expressão cultural que forja as bases do desenvolvimento econômico e social da cidade.

Nesse contexto, é imperativo destacar que a influência da feira livre não se limita ao comércio de mercadorias, mas se estende ao âmbito da identidade coletiva. Ela atua como uma força que liga o passado ao presente, unindo gerações em torno de práticas e rituais que refletem o caráter da comunidade e a sua evolução ao longo do tempo.

A feira não é apenas um espaço de transações econômicas, mas um ponto de encontro e celebração que fortalece os laços culturais, enriquecendo a história local. Assim, reconhecer o valor da feira livre é compreender a essência da própria cidade e sua trajetória única.

Erguendo-se sobre tradições e práticas culturais robustas, a feira livre de Carpina não é apenas um evento semanal, mas um elo imutável que tece a história e o crescimento da cidade. Não é algo que se limita a um mero ponto de comércio; ela personifica os valores essenciais da comunidade, refletindo sua identidade singular e, sobretudo, sua habilidade de se adaptar e persistir ao longo das décadas.

Assim, a feira serve como uma espécie de elo temporal que conecta as pessoas, independentemente de suas origens ou idades, e ressoa com os valores compartilhados

que são essenciais para a coesão de Carpina. À medida que as gerações se sucedem, a feira livre persiste como um farol de identidade cultural, garantindo que as raízes da comunidade se mantenham profundamente fincadas no solo da história.

Com raízes profundas na história e nas práticas cotidianas, a feira livre figura como sendo muito mais do que um mercado onde se dispõe da possibilidade de comprar produtos, pois ela serve como uma testemunha viva da evolução de Carpina ao longo do tempo, mantendo-se imponente diante de mudanças e desafios.

Essa resistência e continuidade ao longo das gerações são uma prova da resiliência da comunidade e de sua capacidade de preservar suas tradições, valores e conexões com o passado. A feira livre de Carpina, assim, não apenas sustenta a economia local, mas também se destaca como um símbolo duradouro da identidade da cidade, representando um testemunho vivo de sua rica herança cultural e histórica.



## Referencial

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3. ed. rev. e atual. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 384 p. ISBN: 85-225-0473-3.

AMORIM, Maria Salete Souza de. Cultura Política e Estudos de Poder Local. Revista Debates, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 99-120, jul.-dez. 2007.

ARAÚJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 26, n. 3, p. 561-583, out. 2018.

BERNARDO, Julio. Dias de feira. 1 ed. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 192 p. ISBN: 978-85-3592-432-9.

COSTA, Maria de Jesus Andrade Nunes da. Carpina: Ler e Sentir. Recife: CEPE, 1991. 110 p. Il.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002. 176 p. ISBN 85-224-3169-8

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. 2ª ed. Editora Revista dos Tribunais LTDA: São Paulo, 1990. 189 p.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de; GERMANO, José Willington. Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira. Natal: EDUFRN, 2016. 220 p. ISBN: 978-85-93839-09-2. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22121>. Acesso em: 02 jan. 2023.

MANZONI, Francis. Mercados e feiras livres em São Paulo: 1867-1993. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. 208 p. Il. ISBN: 978-85-9493-153-5.

MARINHO, Josi; FERREIRA, Paulo; VENERANDO, Sivaldo. Carpina, Terra do Leão do Norte. Carpina-PE: Ed. dos Autores, 2018. 297 p. Il. ISBN: 978-85-86320-00-2.

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, MCS., FONTES, GAV., and OLIVEIRA, N., orgs. Escritas e narrativas

sobre alimentação e cultura [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0914-8. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/9q>. Acesso em: 02 jan.2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/238637645\\_Cidades\\_visiveis\\_cidades\\_sensiveis\\_cidades\\_imaginarias](https://www.researchgate.net/publication/238637645_Cidades_visiveis_cidades_sensiveis_cidades_imaginarias)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

SATO, Leny. *Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2012. 240 p. ISBN: 978-85-314-1361-2.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwegs: memória coletiva e experiência. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

SOUZA, Dalyson Henriques Barros de Souza; Dantas, José Carlos; Matias, Thyago Barbosa de Oliveira; Moreira, Emilia de Rodat Fernandes. *Feira Livre e Cultura Popular: Espaço de Resistência ou de Subalternidade?* In: *Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Vitória-ES. 2014. ISBN: 978-85-98539-04-1.